



Cristo nas profundezas dos infernos no Evangelho de Nicodemos e no Credo apostólico

Edmara Ferreira de Lima¹

Resumo

Os escritos apócrifos da Bíblia despertam curiosidade pelo seu conteúdo “oculto” ou “secreto”. Pelo fato de sua origem duvidosa não foram incluídos no cânon oficial da Bíblia. Para este estudo foi escolhido o texto apócrifo do Evangelho de Nicodemos e a narrativa que conta a descida de Cristo aos Infernos. O objetivo será conhecer o episódio e analisar sua relevância teológica. O estudo segue três momentos. O primeiro será conhecer a origem do escrito apócrifo. No segundo momento a análise do episódio da descida de Cristo aos Infernos e, por último, analisar a relação entre a afirmação do credo apostólico (“desceu à mansão dos mortos”) e a narrativa presente no apócrifo de Nicodemos. Como resultado da pesquisa espera-se a relevância deste escrito na tradição cristã.

Palavras-chaves: Apócrifo. Ressurreição. Hades. Nicodemos.

1 Introdução

O termo apócrifo, em grego, significa “escondido, oculto”. Esta literatura produzida não foi considerada inspirada, ficando fora do cânon das Escrituras. Existe literatura apócrifa tanto de origem judaica quanto de origem cristã. Os de origem cristã “usam com frequência o gênero literário dos escritos neotestamentários: *Evangelho de Pedro, de Tiago, de Filipe, de Tomé [...]; Atos de João, de Paulo [...]; carta de Paulo aos Laodicenses*” (Boscolo, 2021, p. 193).

Os apócrifos são literatura contemporânea aos escritos canônicos e conhecida por judeus e cristãos. Tem sua influência e relevância nas tradições orais que antecederam a escrita e fixação dos textos cristãos para as primeiras comunidades. Sua importância indica que

[...] um dos valores dos apócrifos é seu testemunho dos desenvolvimentos populares piedosos do cristianismo, de sua pluralidade de compreensão de Jesus Cristo, assim como do

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Teologia pela Universidade Católica de Pernambuco – UNICAP. Bolsista PROSUC/CAPES. E-mail: edmara.2021180297@unicap.br

predomínio de certas correntes teológicas. Os apócrifos atestam a persistência e o desenvolvimento da tradições orais (Arens, 2007, p.186)

Considera-se que nos apócrifos existem informações que não se encontram nos escritos canônicos e que preenchem um vazio existente em relação aos fatos narrados nos textos canônicos. Suas narrativas provenientes de fontes desconhecidas foram consolidadas pelo uso popular.

Entre esses escritos, optamos por estudar o apócrifo Evangelho de Nicodemos no qual encontra-se a narrativa da descida de Cristo aos Infernos. Busca-se ressaltar a afirmação da ressurreição proposta pelo autor e qual a relação entre o credo apostólico e o texto apócrifo, ou seja, se houve influência qual texto influenciou o outro.

2 O apócrifo Evangelho de Nicodemos

O Evangelho de Nicodemos, também conhecido como Atos de Pilatos, é o principal escrito de um conjunto de apócrifos que formam o Ciclo de Pilatos. O título Atos de Pilatos é o mais antigo e o atual título Evangelho de Nicodemos, “[...] não se encontra antes do séc. X. Provém provavelmente da referência a Nicodemos que se encontra no final do prólogo” (Ramos, 2001, p. 23).

A obra está dividida em dois escritos diferentes mas que estão juntos em sua publicação: Atos de Pilatos e Descida de Cristo aos Infernos. O assunto principal são os acontecimentos que se deram após a paixão de Jesus. Nos Atos de Pilatos descreve-se o processo de julgamento que Jesus sofreu até sua morte, seu sepultamento, ressurreição e ascensão. Na parte referente à descida aos infernos “[...] dramatiza a descida à morada dos mortos, a libertação dos justos e a ressurreição de muitos. Amplia passagens evangélicas que alicerçam o “desceu aos infernos” incluído no Credo” (Ramos, 2001, p. 24).

Acredita-se que a redação original seja em língua grega e que o escrito seja datado do séc. V, mas existem “nas versões siríaca, copta, armênia e latina” (Silva, 2022, p. 437). Manuscritos conservados datam da Idade Média por volta do século XIII. Este escrito influenciou a devoção popular e a arte cristã, assim

[...] não é de se surpreender a grande influência que esse apócrifo exerceu em produções religiosas na Europa na Idade Média. O texto foi citado ou utilizado em crônicas históricas, tratados teológicos, documentos didáticos, exercícios de devoção, práticas e textos litúrgicos e composições literárias; a iconografia não escapou de sua influência (Silva, 2022, p. 436-437).

Após informações introdutórias sobre a origem do apócrifo segue-se a análise do texto propriamente dito. Percebe-se a riqueza de detalhes e o colorido da narrativa que chega a ser cômico no diálogo dos personagens.

3 Análise do episódio da descida de Cristo aos Infernos

O escrito é tecido de muitos detalhes sobre a descida de Cristo aos Infernos. Contêm onze capítulos que realçam “a verdade da ressurreição, aludindo ao testamento dos dois filhos de Simeão, que afirmam ter ressuscitado juntamente com Jesus e descrevem a entrada gloriosa de Cristo aos Infernos” (Ramos, 2001, p. 77).

O início da narrativa fala que houve controvérsias acerca da ressurreição de Jesus e que José de Arimatéia lembrou que os dois filhos do velho Simeão que foram sepultados a pouco tempo, também ressuscitaram e foram vistos em Arimatéia. Os dois homens foram levados à sinagoga para testemunharem a entrada de Cristo nos infernos. Assim relatam:

[...] estávamos nós no inferno, em companhia de todos os que tinham morrido desde o princípio. À meia-noite, surgiu naquelas obscuridades alguma coisa semelhante à luz do sol. Com seu brilho fomos todos iluminados e pudemos ver-nos uns aos outros (Ramos, 2001, p. 80).

Neste instante aparecem Abraão, Isaías, João Batista, Adão e Set comentando sobre a luz e sobre o Filho de Deus. Enquanto alegravam-se os patriarcas e os profetas, Satanás e o Inferno, personificados no escrito, estavam preocupados e dialogavam. Satanás fala que o Inferno deve se preparar para prender o Cristo fortemente. O Inferno respondeu:

Herdeiro das trevas, filho da perdição, caluniador, acabas de dizer-me que ele, com uma só palavra, fazia reviver a muitos dos que tinhas já preparado para a sepultura. Se ele livrou a outros do

sepulcro, como e com que forças seremos nós capazes de sujeitá-lo? Há pouco devorei um defunto chamado Lázaro. Pouco depois, um dos vivos, com uma só palavra, o arrancou, à força de minhas entranhas. Penso que é este a quem te referes. Se o recebermos aqui, tenho medo de que estejamos em perigo também em relação aos outros. Vejo que estão agitados todos os que devorei desde o princípio e sinto dores em meu ventre. Lázaro, que me foi anteriormente arrebatado, não é bom presságio. [...] Assim te conjuro pelas tuas e pelas minhas artes que não o tragas aqui. Considero que ele virá a nossa mansão, porque todos os mortos pecaram. Por este motivo, pelas trevas que possuímos, julgo que se o trouxeres aqui, não me ficará um só dos mortos (Ramos, 2001, p. 84-85).

Cristo chegando aos infernos fez de suas portas pedaços e libertou todos os que estavam ali aprisionados. Todos os cantos escuros do inferno foram iluminados pela sua presença. Em seguida, agarrou Satanás e o entregou aos anjos para ser preso e entregou-o nas mãos do Inferno.

Enquanto o Inferno recriminava Satanás pela promoção da crucifixão do Cristo, este “estendeu a sua mão direita e com ela tomou e levantou o primeiro pai Adão” (Ramos, 2001, p. 88-89). Assim tomou os patriarcas, profetas, mártires e progenitores e os tirou do Inferno. Dirigiram-se ao paraíso. Aparecem Henoc e Elias que foram arrebatados e já se encontravam lá. Por último, chega o ladrão que fora crucificado junto com o Cristo e que suplicou que não esquecesse dele quando estivesse reinando. E respondendo disse: “hoje estarás comigo no paraíso” (Lc 23,43). No final da narração os filhos de Simeão declaram que foram enviados juntos pelo Arcanjo Miguel para pregar a ressurreição do Senhor e serem batizados no Jordão junto com outros ressuscitados. Assim fizeram e foram a Jerusalém celebrar a Páscoa da Ressurreição. Ao término desapareceram do meio deles voltando para a glória de Nosso Senhor Jesus Cristo.

É interessante perceber que o escrito, com todas as suas cenas e personagens, não descreve o mundo inferior, somente explicita sua escuridão. O realce da narrativa é para a descida do Cristo plenamente. “A pretensão do texto é apresentar um dado teológico sobre o artigo de fé e não sobre a realidade do mundo inferior” (Silva, 2022, p. 438).

O texto proporcionou grande reflexão teológica. Silva comenta que “o Evangelho de Nicodemos proporciona, pela sua narrativa sobre a Descida de Cristo aos Infernos, uma grande reflexão teológica sobre a salvação e a encarnação por muitos autores do período medieval” (Silva, 2022, p. 443-444). Isso mostra o sucesso e influência do apócrifo durante muitos séculos.

4 A descida de Cristo à mansão dos mortos: relação credo x relato apócrifo

Antes de abordar a relação entre o texto apócrifo e a profissão de fé dos cristãos, vamos analisar os textos bíblicos que falam sobre a descida de Cristo aos infernos mesmo que de maneira sutil. “Este tema da descida de Cristo à mansão dos mortos está esboçado já na primeira carta de Pedro (3,18s) e em outras passagens do Novo Testamento” (Ramos, 2001, p. 77).

A primeira carta de Pedro (1Pe 3,18-19) desenvolve a reflexão teológica da esperança no Cristo Ressuscitado. É o testemunho de fé no Cristo que foi aos infernos antes de sua ressurreição, “esperança na salvação de todos, pois Cristo, descendo às profundezas da terra, fez a vida chegar a todo o cosmo” (Faria, 2004, p. 77). Passagens como a da Carta aos Efésios (Ef 4,9) diz “que significa ‘subiu’, senão que ele também desceu às profundezas da terra? O que desceu é também o que subiu acima de todos os céus, a fim de plenificar todas as coisas” (Ef 4,9). Percebe-se os elementos da confissão de fé das primeiras comunidades cristãs.

O texto apócrifo da descida de Cristo aos Infernos, no período da Escolástica, também “foi particularmente utilizado para compreender o enigmático texto de Mt 27,52-53 que evoca a ressurreição de numerosos santos e a aparição deles em Jerusalém (Silva, 2022, p. 446). De certa forma, serviu como hermenêutica pastoral para explicar aos fiéis questões sobre a encarnação e a redenção de Jesus.

Sobre a relação entre o credo apostólico e o relato apócrifo é interessante observar a variação para o artigo de fé “desceu aos infernos”. Nas constituições da Igreja egípcia encontra-se uma versão copta de profissão de fé depois do batismo que fala que Cristo “morreu segundo a sua vontade pela nossa salvação, ressuscitou ao terceiro dia, livrou os prisioneiros, subiu aos céus” (Denzinger, 2006,

p. 37, n. 62). Esta versão não fala diretamente dos infernos, mas ressalta a libertação dos que estavam aprisionados lá. O fato é que

[...] a primeira aparição da descida aos infernos se apresenta em certos Símbolos promulgados pelos semi-arianos em meados do século IV. É, verossimilmente, de origem siríaca. Mas essa inserção não é contemplada no Símbolo de Nicéia-Constantinopla. No Ocidente, Rufino a conhece em Aquiléia. Está presente no Símbolo pseudo-atanasiano Quicumque. Encontramo-la no texto "T" do Símbolo romano (Sesboüé, 2002, p. 107).

No período dos Concílios de Nicéia (325) e Constantinopla (381), o ponto central contra as heresias era afirmar a origem humana e divina de Cristo. Talvez por isso a questão da descida de Cristo aos infernos não fosse uma controvérsia teológica nesse período e não foi incluída no Símbolo de Nicéia-Constantinopla. Como esse tema é considerado mais judeu-cristão do que escriturístico, seu sentido é atestado "na tradição antiga e motivo de sua inserção nos Símbolos, é a de um anúncio da salvação aos mortos" (Sesboüé, 2002, p. 108).

Para compreensão pode-se utilizar a simbologia judeu-cristã de que todos os que morriam entravam no Sheol, mundo inferior e morada dos mortos. "Cristo, portanto, satisfaz àquela lei e partilhou a condição da morte humana, não somente por seu ato de morrer, mas pelo estado de estar morto" (Sesboüé, 2002, p. 108). Assim anunciou a salvação aos que estavam desde o princípio "no ventre do Inferno" como apresenta a simbologia do apócrifo. O Catecismo da Igreja Católica (nº 634) afirma que

a descida à mansão dos mortos é o cumprimento, até a plenitude, do anúncio evangélico da salvação. É a última fase da missão messiânica de Jesus, fase condensada no tempo, mas imensamente vasta no seu significado real de extensão da obra redentora a todos os homens de todos os tempos e de todos os lugares, porque todos aqueles que se salvarem se tornaram participantes da redenção.

Confirma-se que desde a pregação apostólica, alicerçada na compreensão judaico-cristã da entrada e estada no *Sheol* para os que morreram, pressupõe-se que Cristo como homem desceu aos Infernos para participar da mesma condição humana de estar morto. Porém desceu lá como salvador e anunciador da Boa-Nova também para os que estavam privados da luz e da visão de Deus. Disso depreende-

se que a relação entre os dois documentos não é dependência ou influência de um pelo outro e nem mútua. É provável que a discussão se deu em vários ambientes judeu-cristãos e temos duas elaborações quase contemporâneas, uma em forma narrativa e outra na linha da definição de fé.

5 Considerações finais

Os textos apócrifos em sua etimologia têm um caráter oculto, secreto e talvez desconhecido de muitas pessoas nos tempos hodiernos, mas guardam em sua origem, reflexões e ensinamentos de um período de busca por conhecimento e respostas sobre a vida de Jesus Cristo.

O Evangelho de Nicodemos, e especialmente a narração da descida de Cristo aos Infernos, objeto de estudo desta pesquisa, mostra como o escrito considerado não inspirado e, portanto, não canonizado, teve tamanha repercussão e aceitação entre os fiéis.

A narrativa da descida de Cristo aos Infernos ajudou na compreensão deste artigo de fé, pois mais do que entreter as pessoas com a narrativa anedótica e cômica o texto proporcionou reflexão profunda e teológica sobre a encarnação e a redenção, influenciando inclusive as artes medievais.

Nesta pesquisa o aspecto escolhido para a reflexão foi a compreensão do tema e a relação entre narrativa e credo apostólico. Porém, a utilização do apócrifo se deu em vários outros aspectos que são conhecidos até os dias hodiernos. Percebe-se então, a importância deste texto para a vivência cristã, para a compreensão da fé que se professa.

A presente pesquisa motiva a leitura e o conhecimento que os textos apócrifos podem oferecer. Pode-se encontrar narrativas divertidas e aparentemente sem lógica, mas que revelam o Cristo que era comunicado nas tradições orais das primeiras comunidades cristãs.

Referências

A BÍBLIA. São Paulo: Paulus, 2002.

ARENS, Eduardo. *A Bíblia sem mitos: uma introdução crítica*. São Paulo: Paulus, 2007.

BOSCOLO, Gastone. *A Bíblia na história: introdução geral à Sagrada Escritura*. São Paulo: Paulus, 2021.

CATECISMO da Igreja Católica. Disponível em https://www.vatican.va/archive/cathechism_po/index_new/p1s2cap2_422-682_po.html Acesso em: 01 de outubro de 2025.

DENZINGER, Heinrich. *Compêndio dos símbolos, definições e declarações de fé e moral da Igreja católica*. São Paulo: Paulinas; Loyola, 2006.

FARIA, Jacir de Freitas. *O outro Pedro e a outra Madalena segundo os apócrifos: uma leitura de gênero*. Petrópolis: Vozes: 2004.

RAMOS, Lincoln. *A Paixão de Jesus nos Escritos Secretos*. Petrópolis: Vozes, 2001.

SEBBOÛÉ, Bernard; WOLINSKI, Joseph. *História dos dogmas*: Tomo 1 – O Deus da salvação. São Paulo: Loyola, 2002.

SILVA, Roberto Marcelo da. Uma análise do Evangelho de Nicodemos e sua relação com o artigo de fé da descida de Cristo à mansão dos mortos. In: *Encontros Teológicos*. Florianópolis, v. 37, n.2, maio-agosto de 2022, p. 435-452.